

SOFRIMENTO

Objetos de tortura...

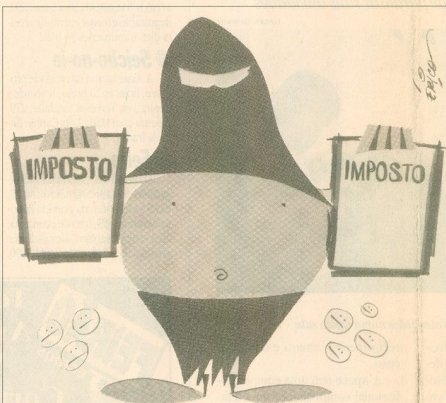
SYDNEY VALSECHI

No programa "Jô Soares Onze e Meia", levado ao ar na última sexta-feira, foi apresentada uma série de instrumentos de tortura utilizados na Idade Média, que fazem parte de uma coleção que percorre o mundo recordando que não fomos nada complacentes em matéria de punição corporal, mostrados por Franco Gentili.

Foram expostos cerca de meia centena de instrumentos destinados ao suplício ou tormento violento a alguém, como componentes da "Justiça" para obter confissões, pois, naquela época, a tortura era oficializada, cuja visão nos proporcionou um mal-estar físico, ao considerar a habilidade do homem para criar tais objetos aviltantes.

Destacamos um instrumento manual para comprimir, com pregos internos, indicado para ser utilizado nas mãos das empregadas que quebravam louças nos castelos medievais. A mão era introduzida em uma gaveta de ferro, que após ser fechada, as laterais eram acionadas e os pregos perfuravam a mão da pobre coitada, que permanecia o dia todo presa àquele instrumento de tortura. Um outro utensílio que mencionamos mais adiante, uma espécie de prensa acionada por parafusos, era recomendado para amassar a ponta dos dedos do inquirido; uma cadeira revestida com hastes pontiagudas por todos os lados servia de assento para imobilizar o suspeito até que contasse o que eles queriam ouvir. Uma cama de tração que desarticulava ossos, acompanhada de ferros em brasa, completava a parafernália da investigação, que certamente terminava com a morte. A vida não tinha o menor valor comparado ao prazer da tortura.

Centenas de anos se passaram do período em que prevalecia o poder dos tiranos que menosprezavam o gênero humano, pois haviam perdido a noção de justiça e faziam da tortura uma demons-



tracão da capacidade de suplicar alguém, dos quais alguns a faziam em nome de Deus.

Hoje, mudaram as formas, mas o Estado mantém resquícios do passado e continua mestre em torturar o povo com a sua capacidade criadora destinada a melindrar pessoas.

Nas campanhas de FHC, ele mostrava os cinco dedos da mão, dizendo que eles representavam as metas que teriam prioridade em seu governo: Emprego, Segurança, Agricultura, Educação e Saúde, porém, vistos por outro ângulo, os cinco dedos da mão poderiam significar a proliferação dos corruptos que aniquilam as expectativas, criando uma forma de tortura para todos nós, contudo, se estivéssemos na Idade Média, os dedos de "alguém" já estariam com a ponta amassada em tais instrumentos de tortura.

O ministro Jatene, que está tentando tornar ex-

cutível a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) há 18 meses, reclama da facilidade de que os banqueiros tiveram para conseguir viabilizar as taxas bancárias, parecendo-nos que existe uma proteção declarada do governo para com esses senhores, considerados mais fortes do que ele.

Interessante de se notar, é que tanto o ministro como os banqueiros estão pleiteando recursos para dispor em suas atividades: no caso da Saúde, para pagar as contas atrasadas aos hospitais conveniados ao SUS (Sistema Único de Saúde), sem contudo melhorar o padrão de atendimento; no caso dos bancos, criando taxas para aumentar o tesouro daqueles que necessitam recursos para cobrir rombos, no que concluímos serem semelhantes as pretensões destinadas a estabelecerem clima propício às discórdias. Ambas atitudes atormentam o cidadão, que vê seus pontos de seus dedos amassados, por ser crédulo e aceitar as imposições do sistema que domina a sociedade em detrimento dos mais humildes, sem expressar a sua discordância.

Machiavel nos ensina que aqueles que estão no poder, "devem, principalmente, abster-se de aproveitar os bens alheios, pois os homens esquecem mais rapidamente a morte do pai do que a perda de seu patrimônio".

No momento de escolher seu candidato, saiba definir quem será o seu representante político, ou aquele que mais se aproxime de suas expectativas, entretanto, considere uma margem de erro, pois o ser humano masoquista se deleita com o próprio sofrimento.

FILA

Esperando para pagar as contas

Encarar fila em banco é de tirar o humor de qualquer um, mesmo quando se tem dinheiro para receber. Os entrevistados têm opiniões variadas, mas todos são unânimes: não dá, perde-se muito tempo e ninguém gosta. (Fotos: Alessandro Maschio)



Leônidas José Mendes
24 anos, mecânico

Não me importo em ficar muito tempo na fila, normalmente quando está muito grande mudo de fila ou vou para outro banco pagar as contas. Acho que deveria ter mais caixas para não perdermos tanto tempo. Ficar na fila esperando já é normal.



Lucimara Faroni
23 anos, auxiliar administrativa

É um saco, a gente perde muito tempo, além disso tem banco em que somos mal-atendidos. Acho que deveria ter pessoas especializadas em tratamento ao público. Também acho que todos os bancos deveriam ter mais caixas. Perde-se muito tempo em fila de banco!



Ricardo Rocha
44 anos, representante comercial

Os bancos têm filas todos os dias, faltam funcionários devido ao custo alto (encargos trabalhistas) e dispensaram cerca de 40% dos funcionários no início do Plano Real. Perde-se muito tempo na fila, ontem fiquei meia hora esperando. A situação seria mais funcional e diminuir os encargos.



Karina Ubida
17 anos, estudante

As filas se formam porque todos os bancos têm poucos caixas, é um saco ficar na fila dos bancos, perde-se muito tempo. Porém, a maioria dos bancos colocaram serviços em que o cliente não precisa enfrentar fila, mesmo assim não conseguiram diminuir o tamanho das filas.



Pedro Baldoni
41 anos, oficial de justiça

Acho que perde-se muito tempo nessas filas. Os bancos investem pouco neste setor, para melhor, em relação aos lucros que eles têm. Acho uma falta de consideração com os correntistas que, afinal, são os que mantêm o movimento do banco.



Renata Cristina Colletti
20 anos, vendedora

Acho que essas filas são insuperáveis, deveriam ser mais rápidas. Os bancos têm somente dois caixas para atender uma multidão. Por outro lado, também existem serviços que podem ser feitos em caixas eletrônicas, mesmo assim, vivem quebrados e com filas enormes.

TABACO

O vício de fumar

ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO

Este é, na realidade, um dos assuntos mais polêmicos que existe: fumar, não fumar, proibir ou liberar as fumaginas em locais fechados, faz mal à saúde, não faz, dá prejuízo, não dá, faz parte do charme, não faz, e por aí vai. Toda a imprensa nacional, escrita e falada, tem trazido bastante matéria sobre o tema. Não fugindo da atualidade, o Jornal de Piracicaba publica bons artigos a respeito e raramente deixo de lê-los, pois fui um fumante inveterado em tempos longínquos e hoje, sou o cheiro do cigarro de outras pessoas sinto náuseas e forte dor de cabeça.

Fugindo totalmente do que estou habituado a escrever neste matutino, vou aproveitar o momento das discussões para relatar minha experiência e meu ponto de vista atual sobre a matéria. Assim, este será uma mistura de estória e opiniões.

Comecei a fumar, como a maioria dos jovens da minha época, aos 13 anos de idade. Já desde o início a tragar (inalar a fumaça do cigarro). Tossia bastante, tinha tonturas, vômitos, dores de cabeça, mas tudo passageiro, e mais rápido do que eu esperava, tudo aquele mal-estar desaparecia como por mágica. No início, fumava um cigarro por dia; depois dois, depois cinco, depois 10 e, quando adulto, por 22 anos, 40 a 50 unidades por dia.

No início fumava por curiosidade, depois por prazer e, finalmente, por necessidade. Depois de um determinado tempo, fuma-se mais por necessidade. Fuma-se por tristezas, por alegrias, por pressa, para esperar, para descansar, para pensar, para raciocinar, para trabalhar, para dormir, etc.

Experimentei várias marcas, mas a minha paixão era mesmo o famoso Continental. Famoso, pois era considerado, naquela época, um cigarro que satisfazia integralmente. Era forte! Autêntico! Puro! Era, na realidade, tudo que um bom fumante queria e precisava.

Importante lembrar que, naquela ocasião, o fumante entrava em contato direto com o fumo do cigarro, pois não havia filtros. Isto nos permitia fiscalizar, em parte, o que estávamos fumando. Eu me lembro claramente que, às vezes, encontrávamos alguns fragmentos mais duros de fumo ou alguma coisa estranha e, imediatamente, reclamávamos do nosso fornecedor (o dono do bar da esquina ou do armazém), e parece que aquilo funcionava, pois em outras remessas comprávamos um produto de melhor qualidade. Quando abríamos um maço de cigarros, que era todo de papel, colado apenas com um selo, nós tínhamos uma visão completa do conteúdo dos mesmos, pelo exame visual de suas extremidades, e podíamos opinar sobre a qualidade. Eu me lembro também, claramente, que o nosso fornecedor comentava conosco que os entregadores davam notícias de reclamações dos fumantes de outras cidades da Região. Assim, as indústrias recebiam, através de seus entregadores, a notícia da insatisfação dos fumantes. Desta maneira, fazia-se uma estatística da qualidade dos cigarros, das diferentes marcas, pelas trocas de informações entre fumantes comerciantes, entregadores e indústrias.

De repente, também, como por mágica, surgiram os filtros. E eu me lembro que o fornecedor disse: "daqui para frente você não vai reclamar mais, pois não verá o que está fumando". E assim foi! Os filtros surgiram para proteger (?) a saúde. Atualmente, com ele, o fumante quando abre o seu maço de cigarros só vê os filtros. Se os cigarros viessem acondicionados com seus filtros para baixo, provavelmente seria um pouco mais higiênico e permitiria, ao consumidor, fazer um pequeno teste de qualidade.

Eu acredito que a maioria dos fumantes deseja ficar livres do vício, pois já passei por esse drama

e conheço muitos fumantes que estão à procura da "fórmula mágica".

Volando um pouco ao passado, recordo as palavras de um grande fumante que havia deixado definitivamente o vício: "o cigarro é terrível, você larga de fumar mas ele sempre está lhe tentando. Eu não conto para ninguém o que fiz para parar de fumar, pois se isto eu fizer me sentirei fraco e poderei voltar a ter o vício". Guardei bem o conselho!

Pela experiência que passei, acho que as propagandas contra o tabagismo, mostrando os males que causa à saúde só deve funcionar para as pessoas que ainda não experimentaram o vício. Elas deveriam ser dirigidas, exclusivamente, aos jovens e não aos velhos, pois se funcionassem para os fumantes não iríamos encontrar médicos, dentistas, veterinários, farmacêuticos, enfermeiros, laboratoristas, funcionários de hospitais, postos de saúde e todos aqueles que militam na área da saúde, fumando, e nem mesmo aquelas pessoas que têm ou já tiveram problemas de saúde, como: pressão alta, câncer ou enfisema de pulmões, em estado adiantado, etc. Saber que faz mal ou sentir os efeitos maléficos do vício não é suficiente para resolver o problema.

Acredito, também, que o uso de balas, medicamentos, furos nas orelhas, restrição ao uso de café e de outras bebidas, também não funcionam. Nunca vi funcionar. O que o fumante precisa, se quiser mesmo parar de fumar, é, em primeiro lugar, de uma coisa simples, bem definida por Ercílio A. Denny (JP, 7/7/96, A-2): Força de vontade! Em segundo lugar, talvez, um tratamento adequado para combater suas ansiedades escondidas, quase sempre, atrás da fumaça de seus cigarros.

► **ANTONIO DE OLIVEIRA LOBÃO** é médico veterinário (UFMG), homeopata (IBBE/UNAERP) e mestre (USP).

CARTAS

Aos 96 anos do nosso JP

"Antonietta: Seu pai conseguiu fazer um jornal limpo, fazedor de opiniões e de grande presença moral. Quando ele faleceu achei que vendia uma tarefa difícil e temi por você. Dia após dia, mês após mês, vim com entusiasmo que não somente era capaz de manter nosso "Estado" no nível desejado, como fez dele um exemplo de independência, ética e respeito às opiniões adversas. Mais que o cumprimento de um leitor e amigo, isto é a demonstração jubilosa de reconhecimento do seu trabalho".

Ben-Hur Carvalhaes de Paiva

Parabéns ao Jornal

"Nesta data em que o Jornal de Piracicaba completa 96 anos, uma data feliz, devemos refletir e reconhecer a sua luta em prol da comunidade piracicabana e da região, como um veículo sério e batallador pelas justas causas. Foi através de reportagem publicada em 29/05/1947 que o JP iniciava a luta para a construção da rodovia Piracicaba-Capivari, estrada esta precursora da Rodovia do Açúcar. Uma batalha vencida! Este é apenas um exemplo, entre tantos outros, de um veículo que luta pela sua comunidade. Parabéns".

Luís Carlos de Oliveira

Cartas - Envie cartas ou entregue pessoalmente à redação do Jornal de Piracicaba, Avenida Luciano Guidotti, 2525 - Jardim Califórnia - CEP 13.424-540 - com nome completo, endereço, nº de RG e telefone.

GASTOS

Advocacia marajá

LUIZ ANTONIO SAMPAIO GOUVEIA

Há milhares de advogados reclamando ciência do destino que a OAB/SP deu às anuidades por eles pagas.

Certo colega - destes que amargam a vida nos balcões do foro -, telefonou-me revoltado: viria um "figurão" da OAB/SP circulando, "feliz da vida", em um Ômega, "reluzente e novinho em folha".

Dizendo que o veículo era da Ordem dos Advogados do Brasil, arrematou deslúdio: "Parecia um barão".

Ponderei ao colega que havia em suas palavras um certo exagero. Sem nem pensar, ele desligou o telefone, profirindo antes um sonoro palavrão.

É compreensível sua desilusão. Afinal, ele não via - e ninguém de bom senso consegue ver - ra-

ção para que a OAB/SP gaste, em solenidades, homenagens e verbas de representação, o absurdo de R\$ 215 mil, enquanto destina para a abandonada assistência judiciária míngua de R\$ 136,00, como está o balanço dos gastos da Ordem no ano passado.

"Que representações? Que homenagens? Que solenidades são essas que temos de bancar com nossos sócios reais?", disparava meu indignado colega antes de comentar ter visto o "Ômega reluzente".

Lamentei não lhe poder responder, porém não sei, e volto a afirmar, duvido que alguém saiba a razão de tão expressivo gasto em suposta e tamanha inutilidade.

No entanto, há sempre razão para esperança:

com a lucidez que o cargo requer, o presidente do Conselho Federal da OAB conclama as subseccionais da Ordem, incluindo, naturalmente, as de São Paulo, para que cobrem dos políticos, prestações de contas de suas verbas de campanha.

Chamou-me, de novo, o insubmisso colega.

"Que bom! Agora, vamos saber também o que faz a OAB/SP com o nosso dinheiro - e por que não? - o que fizeram alguns de seus mais ilustres dirigentes com verbas arrecadadas na última campanha".

Tomara! Seria que o Brasil vai mudar?

► **LUIZ ANTONIO SAMPAIO GOUVEIA** é Conselheiro Secional da OAB/SP.

JORNAL DE PIRACICABA

Gerente Administrativo-Financeira: Marcia Varella Pires
Editor Responsável: Junior A. Gury (Mtb 11.391)
Chefe de Redação: Ângela M. Furlan Nolasco (Mtb 11.751)

Administração, Redação e Publicidade:
Av. Com. Luciano Guidotti, 2525 - CEP 13.424-540 - Piracicaba - SP. Fone: PABX (014) 26-4000
Fax: (014) 26-4000 (Administração) - (014) 26-5000 (Comercial) - (014) 26-4770 (Redação)
Filial: Rua Moraes de Barros, 825 - CEP 13.400-356 - Piracicaba - SP
Fone: PABX (014) 23-5555 - Fax: (014) 23-3001
End. eletrônico: internet: consult@jg-marcos.com.br
Fontes de notícias: Agência Estado e Agência Brasil
Filiação: ANJ - ABRAPRIL ALAP, ADORISIP, SINDJURISP - APJ
Secundário São Paulo: Jr. Edgardo Para Lima, 143 - Cx. 11 - CEP 01053-005 - São Paulo
Fone: (011) 210-8621 - Fax: Modem (011) 814-6309
Representante Comercial: Contato Representações de Veículos Publicitários Ltda. - Rio de Janeiro: Estrada Velha da Perna, 1300 - CEP 21045-070 - Rio de Janeiro - Fone: (021) 501-2864 - Fax: (021) 580-0496
Brazília: SQS 102 - Bloco 01 - Apto 601 - Fone: (061) 223-8382 - Cep 70300-490
Porto Alegre: R. José de Alencar, 414 - Cx. 204 - Cep 90880-480 - Fone: (051) 32-0654

Não concordo com uma só palavra do que dizets, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo
Voltaire